

NOTAS SOBRE O CONCEITO DE IMAGEM DO PENSAMENTO DE DELEUZE EM *PROUST* E OS *SIGNOS*

NOTES ABOUT THE CONCEPT OF DELEUZE'S THOUGHT IMAGE IN *PROUST* AND THE *SIGNS*

Bernardete Oliveira Marantes*

Resumo: Este texto examina o conceito criado por Gilles Deleuze, a imagem do pensamento, em sua obra *Proust e os signos*. A obra literária de Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu*, foi um farol que iluminou o pensamento deleuziano; e além da *Recherche* inaugurar uma profícua relação entre Deleuze e as artes, ou ainda, entre Deleuze e o *fora* (da filosofia), ela foi uma das grandes fontes de inspiração na grande obra imediatamente posterior de Deleuze, a *Diferença e repetição*.

Palavras-chave: Deleuze. Proust. Imagem do pensamento.

Abstract: This paper examines the concept created by Gilles Deleuze, the image of thought in his book *Proust and Signs*. The literary work of Marcel Proust, *À la recherche du temps perdu*, was a guide that stimulated the Deleuzian thought, and beyond *Recherche* inaugurating a fruitful relationship between Deleuze and the arts, or even between Deleuze and the *outside* (of philosophy), it was one of the greatest sources of inspiration in the great work of Deleuze, *Difference and repetition*.

Keywords: Deleuze. Proust. Image of thought.

Introdução

A seção “Imagem do Pensamento” conclui a primeira parte de *Proust e os signos*, obra de Gilles Deleuze sobre o grande romance *Em busca do tempo perdido* (*À la recherche du temps perdu*) de Marcel Proust - a qual será designada, doravante, apenas por *Recherche*.

O conceito de imagem do pensamento envolve toda a filosofia deleuziana, pois para o filósofo o pensamento não é uma prerrogativa da filosofia, já que em qualquer esfera do conhecimento, das ciências às artes, há pensadores. Pensar essa noção – e saber como opera, como se processa, como se orienta o pensamento no pensamento dos pensadores – mobilizou o pensamento deleuziano, e de modo direto ou oblíquo, está

* Doutoranda do Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. bernardete.marantes@usp.br / bernardetemarantes@hotmail.com

sempre presente em suas investigações filosóficas. Entretanto, é em *Nietzsche e a filosofia* (1962) que o conceito inaugura oficialmente sua entrada na filosofia deleuziana.

A abordagem da obra de Nietzsche leva Deleuze a elencar as teses da imagem dogmática do pensamento, que, invariavelmente sempre concebeu a verdade como um universal abstrato, e, em nenhum momento como as “forças reais que fazem o pensamento”¹. Para Deleuze, um dos principais papéis desempenhados pelo pensamento nietzschiano foi o de desconsertar a imagem do pensamento dogmático estabelecido, e Nietzsche o fez, mormente questionando os princípios do conceito de verdade, os quais frequentemente aproximam a noção de Verdadeiro a de Bem, pressupondo assim o caráter moral desses pensamentos. Para o filósofo francês, o pensamento nietzschiano constrói uma efetiva filosofia, ou seja, aquela que serve para contrariar, para *entristecer* (*attrister*)², pois denuncia as mistificações na medida em que contraria as verdades supostas por antecipação.

O conceito irá reaparecer e será examinado à luz da grande obra proustiana gerando *Proust e os signos* (1964). Ainda com grande vigor e cuidado Deleuze dedicará a esse conceito um vasto capítulo em *Diferença e repetição* (1968), e é nesta obra que o filósofo esquadrinhará os pressupostos filosóficos na tentativa de se desvencilhar da representação a fim de reivindicar um pensamento sem imagem, ou seja, um pensamento sem Modelo ou Forma. Em *Lógica do sentido* (1969), a noção de imagem do pensamento aparece na “Décima oitava série” prefigurando-se como uma geografia mental. Tal tendência a uma filosofia geometrizada se confirmará em Deleuze no encontro com Félix Guattari nos *Mil Platôs*. Nesta obra, dentre outros conceitos criados pela dupla de filósofos, a imagem do pensamento é aproximada a um *organon* (com objetivos e caminhos, condutos, canais, órgãos)³, e associada a uma forma do Estado. Esta relação com a exterioridade subjaz na noção de que “o pensamento é como o Vampiro, não tem imagem, nem para criar modelo, nem para fazer cópia”⁴. O profuso conceito, então, ganhará em sua trajetória final, de Deleuze e Guattari, uma nova nomenclatura em *O que é a Filosofia?*: “o plano de imanência não é um conceito pensado nem pensável, mas a imagem do pensamento, a imagem que ele se dá do que

¹ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1983 (6ª ed.), p. 118.

² DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1983 (6ª ed.), p. 120.

³ DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs* (vol. 5). Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 43.

⁴ DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs* (vol. 5). Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997, p. 47.

significa pensar, fazer uso do pensamento, se orientar no pensamento [...]”⁵. Não há um salto conceitual entre a primeira visada da imagem do pensamento e esta segunda acepção, entretanto, a noção de plano de imanência, de acordo com o vocabulário conceitual geométrico que Deleuze desenvolve com Guattari, pressupõe uma nova dimensão que suporte acolher os problemas. Apartado dos princípios transcendentais como princípios de condicionamento (kantianos), Deleuze-Guattari pesquisam outra concepção de transcendência, e tal plano imanente é pré-filosófico, dirão os filósofos, e “já não opera com conceitos, ele implica uma espécie de experimentação tateante [...] são meios da ordem do sonho, dos processos patológicos, [...] da embriaguez ou do excesso”⁶. E será mesmo entre o plano de imanência e os conceitos que os filósofos introduzirão uma nova via: a das personagens conceituais, que operam com a Imagem de Pensamento-Ser.

Após este sintético mapeamento fica patente a importância do conceito da imagem do pensamento/ plano de imanência no pensamento deleuziano. Nossa investigação, porém, não tem, e nem poderia ter, a pretensão de esgotar tão caro tema, por isso, em nosso recorte destacaremos o primeiro movimento do conceito, aquele encontrado em *Nietzsche e a filosofia*, e ao qual se segue *Proust e os signos*.

I.

Como se já não bastasse a *Recherche* ser uma das mais florescentes obras literárias do século XX, esta grande colcha de retalhos feita de empréstimos de díspares saberes parece também ser dotada de vocação para o acolhimento, pois ela, generosamente consente os mais diversos cotejamentos e aproximações. Pode-se examiná-la através das ciências biológicas ou sociais, das artes em geral, da filologia, das modas, da crítica de arte, e naturalmente, da filosofia. Esta última aproximação talvez seja a mais corrente, pois não são poucos os estudos entre a temporalidade do filósofo francês Henri Bergson e a *Recherche*, por exemplo. Debruçaram-se igualmente sobre essa obra-prima literária, diversos e renomados escritores, críticos e filósofos, e dentre as inúmeras e perspicazes leituras da obra, destaca-se a leitura ímpar de Gilles

⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonzo Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 53.

⁶ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonzo Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 58.

Deleuze, que enriqueceu não só a imensa fortuna crítica proustiana, mas ainda a filosofia contemporânea.

O pensamento de Deleuze e a grande obra de Proust apresentam diversas semelhanças entre si, a começar pelos empréstimos externos (ou em Deleuze o direito ao roubo⁷) de que ambas as construções, filosófica e literária, se servem fartamente. Os elementos de-fora se desdobram e conectam-se, sugerindo simultaneamente dependência e autonomia dentro do sistema arquitetado como aberto e ramificado, mas ainda assim coeso. Filósofo e escritor permitem intensificar seus próprios pensamentos a partir desses elementos externos, e em tal recurso está implícito o caráter instrumental das exterioridades inseridas nas construções como multiplicidades fragmentárias.

Entretanto, se a literatura, sendo fundamentalmente criação, dispõe, sem constrangimento, desses artifícios externos, na filosofia, lançar mão de tais exterioridades (ou intercessões, diria ainda Deleuze) é invariavelmente um risco, pois o que se espera de uma construção filosófica é que ela seja um sistema, senão fechado, mas rigorosamente assentado em determinados conceitos. E assim como Proust questiona a literatura pautada em “descrever coisas”⁸, Deleuze questiona fortemente a tradição filosófica racionalista e seus pressupostos, por isso, arrogando-se o direito de *criar* conceitos, e efetuar seus “roubos” e fabricar suas intercessões, e assumindo o risco da mobilidade entre o externo-interno que sua filosofia corre, o filósofo exita formar seu próprio sistema filosófico que, assim como a *Recherche* proustiana, se mostra fragmentado, aberto, labiríntico, reflexo. Tais adjetivos elencados concordam com a ponderação de Roberto Machado quando afirma que para Deleuze, “pensar a exterioridade da filosofia é estabelecer ecos, ressonâncias, conexões, articulações, agenciamentos, convergências entre elementos não-conceituais dos outros saberes”⁹. Essa postura do filósofo condiz com sua própria acepção do fazer filosófico, o qual não

⁷ DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998, p. 6-16.

⁸ PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 1995, p. 163/ Bibliothèque de la Pléiade, édition J.-Y. Tadié: IV, p. 463.

⁹ MACHADO, Roberto. *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990, p. 5. Na edição revisada e ampliada de 2010 deste seu mesmo livro, Roberto Machado afirma sob outro olhar a relação intrínseca de saberes exteriores à filosofia em Deleuze quando diz que a intenção do filósofo francês não é “de fundá-los, justificá-los ou legitimá-los, mas estabelecer conexões ou ressonâncias de um domínio a outro a partir da questão central que orienta suas investigações: “o que significa pensar?”, “o que é ter uma ideia?” na filosofia, nas ciências, nas artes, na literatura”. In: MACHADO, 2010, p. 12-13.

está longe do ato de criação, pois “tudo tem uma história. A filosofia também conta histórias. Histórias com conceitos”¹⁰ afirmou Deleuze na conferência *O ato de criação*.

Portanto, tomando essa aproximação entre a literatura proustiana e a filosofia deleuziana, podemos tecer um paralelo entre a afirmação de Proust: “os belos livros estão escritos numa espécie de língua estrangeira”¹¹, e o fazer filosófico, acompanhando a consideração de Deleuze-Guattari quando afirmam que, também a filosofia funda sua própria língua e constrói uma língua da filosofia através da criação de conceitos: “o batismo do conceito solicita um gosto propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza”¹². Assim, quando Deleuze lê (interpreta) um sistema filosófico, e mais ainda, uma criação artística, ele o faz munido de sua própria poética filosófica, a qual o autoriza a criar, a filosofar; e, sobretudo é com a literatura, e especificamente com Proust, que se operará uma afinidade entre a literatura e a filosofia, a qual vicejará outra forma de pensamento, ou melhor, outra imagem do que seja o *pensar*.

II.

Conforme Deleuze, a imagem do pensamento de Proust é denunciatória, pois ela contraria a filosofia, sobretudo a filosofia clássica do tipo racionalista, a qual se serve de pressupostos para instituir-se.

Tais ponderações acerca dos pressupostos filosóficos, que atuam como a permissiva porta de entrada para se começar a filosofar, é matéria constantemente presente no pensamento deleuziano, por isso seu interesse por pensadores que, de alguma maneira, lograram construir um pensamento apartado do pensamento pautado na *representação*, como Lucrécio, Espinosa, Nietzsche, Bergson, entre outros. Esta prodigiosa linhagem filosófica é para Deleuze aquela que permite criar um novo modo de pensar, do “que significa pensar”, e como a *crítica* é inseparável da filosofia, os filósofos de tal linhagem de pensamento são aqueles que, em benefício de uma inovadora imagem do pensamento, cabalmente criticaram as verdadeiras formas – “a

¹⁰ DELEUZE, Gilles. *Qu'est-ce que l'acte de création?* Conferência pronunciada em 17/5/1987 para os alunos da *fondation* Femis. Disponível em www.webdeleuze.com

¹¹ PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard/ Bibliothèque de la Pléiade, 1971, p. 305.

¹² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr.; Alberto Alonzo Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2007, p. 16.

verdadeira moral, a verdadeira fé, o conhecimento ideal” –, e não os falsos conteúdos – “a falsa moral, os falsos conhecimento, as falsas religiões”¹³. Por isso, é evidente o esforço de crítica de Deleuze, principalmente como historiador de filosofia, em buscar, até em proveito de sua própria filosofia, o pensamento daqueles que ousaram afastar-se do pensamento dogmático.

Destarte, foram tais encontros que revelaram para o filósofo francês a presença de duas imagens distintas na filosofia: as prodigiosas e *inovadoras imagens do pensamento (pensamento sem imagem)*, e *a imagem do pensamento representativa, moral e dogmática*; duas imagens díspares que foram copiosamente investigadas por Deleuze, especialmente em *Nietzsche e a filosofia*, *Proust e os signos*, e *Diferença e repetição*.

É na primeira obra citada sobre o pensamento de Nietzsche que Deleuze detecta uma nova imagem de pensamento, a qual é pautada pelos dois conceitos essencialmente críticos da filosofia de Nietzsche, os conceitos de sentido e valor, os quais se podem dizer, radicalizam a crítica à filosofia, mormente em seu aspecto moral. Deleuze examina a inovadora imagem do pensamento de Nietzsche no final do capítulo III de *Nietzsche e a filosofia*, não gratuitamente denominado “A crítica”. Ele inicia elencando os postulados constituintes da doutrina da verdade a fim de opor a imagem do pensamento nietzschiano frente a *imagem do pensamento dogmática*, a qual, oriunda da tradição filosófica (grega, racionalista, classicista), é fundada em pressupostos, ou teses, as quais ele enumera: a primeira tese se refere ao pensador que quer e ama a verdade (veracidade do pensador), e que toma o pensamento como a faculdade que possui, ou contém formalmente, o verdadeiro (inatismo da idéia, o *a priori* dos conceitos), decorrendo daí que pensar é o exercício natural de uma faculdade, bastando então pensar “verdadeiramente” para se pensar com verdade (natureza equânime do pensamento e o bom senso universalmente partilhado). Como segunda tese Deleuze destaca que, por não sermos apenas seres pensantes, mas também movidos por forças estranhas (corpo, paixões, interesses sensíveis), nós somos desviados do verdadeiro e caímos em erro ao tomarmos o falso por verdadeiro, e o *erro* seria mesmo um efeito das forças externas quando se opõem ao pensamento. Por fim, a terceira tese dita que para pensar é necessário apenas um *método* que nos ensine a fazê-lo, e pensar bem é pensar

¹³ DELEUZE, Gilles. Sobre Nietzsche e a imagem do pensamento (p. 175-183, trad. Tomaz Tadeu e Sandra Corazza). In: *A ilha deserta*. Edição preparada por David Lapoujade. Org. da ed. brasileira e revisão técnica: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2008, p. 178-179.

verdadeiramente, porque o método é o artifício pelo qual exorcizamos o erro e, em qualquer hora ou lugar, podemos aplicá-lo, pois ele nos introduz no domínio do “o que vale em todos os tempos, em todos os lugares”¹⁴. Sumulando, pode-se dizer que, para o pensamento dogmático, basta que se tenha um bom método que ensine a pensar que os problemas filosóficos se resolvem, pois, quem pensa almeja *naturalmente* o verdadeiro, e deste modo, estando livres do erro e aplicando o método, chega-se à verdade universal.

Nessa imagem do pensamento constituída pela proteção dos pressupostos, Deleuze assinala que a verdade é concebida como um universal abstrato, mas sob a luz que rege os fundamentos do pensamento nietzschiano, o filósofo enfatiza, porém, que “não há verdade, que antes de ser uma verdade, não seja a efetuação de um sentido ou a realização de um valor. A verdade como conceito é totalmente indeterminada. Tudo depende do valor e do sentido do que pensamos”¹⁵, pois, pensar nunca é *um exercício natural* e reto de uma faculdade, mas pensar indica uma atividade do pensamento mediante às forças que se apossam do pensamento (as inúmeras experiências que nos forcem a pensar). Portanto, por essa visada, Deleuze constata em Nietzsche certa inovação transcendental, que nos permite pensar a filosofia como uma atividade que em si mesma engloba a crítica e a criação, e, se até o filósofo alemão o pensamento dogmático havia dominado a filosofia, é a partir dele que um novo pensamento (ou uma *imagem moderna do pensamento*, como nomearão posteriormente Deleuze e Guattari) surge prescindindo dos princípios consolidados no pensamento por antecipação, indicando um movimento em direção a uma nova orientação do pensamento, aquela que vai à busca de um *pensamento sem imagem*.

Tal percepção de Deleuze da diferença entre os pensamentos participará permanentemente de suas investigações¹⁶, e sem possibilidade aqui de avançar mais profundamente, podemos salientar que se embutem nessa investigação inicial, sobretudo em decorrência da oposição das duas imagens expostas, os sinais de uma investigação

¹⁴ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1983 (6ª ed.), p. 118.

¹⁵ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1983 (6ª ed.), p. 118.

¹⁶ “Esse estudo das imagens do pensamento, nós o chamaríamos de noologia, e seriam eles os prolegômenos à filosofia. É o verdadeiro objeto de *Diferença e Repetição*, a natureza dos postulados na imagem do pensamento. Fiquei obcecado por essa questão em *Lógica do Sentido*, onde a altura, a profundidade e a superfície são coordenadas do pensamento; retomo-a em *Proust e os signos*, já que Proust opõe toda a potência dos signos à imagem grega; e depois Félix e eu a reencontramos em *Mille plateaux*, porque o rizoma é a imagem do pensamento que se estende sob a imagem das árvores”. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 186

filosófica que tem como axial o conceito de *diferença*, que só poderá ser medrado a partir de uma nova imagem do pensamento, já que o pensamento dogmático a impede de manifestar-se. Por isso, anos depois desse exame inicial sobre a imagem do pensamento, o filósofo dirá que só se levando em conta a questão da imagem que se fazia do pensamento seria possível “atingir as potências da diferença e da repetição”¹⁷.

Prosseguindo sua marcha em direção à crítica da imagem do pensamento, Deleuze lê (interpreta) a grande obra de Proust e constrói *Proust e os signos*. Entretanto, é inevitável não perceber, de saída, a originalidade de Deleuze na escolha do seu elemento extra-filosófico, de seu intercessor: uma obra literária.

Proust e os signos marca um início de uma (re)orientação, de uma significativa relação entre o pensamento de Deleuze e as artes. Diferentemente de suas obras filosóficas anteriores, em *Proust e os signos* o objeto empregado para investigação não é oriundo da filosofia – mesmo levando em consideração a obra de Nietzsche que acolhe em si diversos elementos não-filosóficos –, mas sim uma efetiva obra de arte, que como tal é, por definição, fruto da pura criação. Naturalmente a riqueza da obra proustiana, como antes destacada, autoriza uma miríade de aproximações, mas a investida de Deleuze diferencia-se, pois obedece a um desígnio não meramente formal (ou teórico) no tocante a sua estruturação estética, mas sim, a uma empreitada filosófica que objetivamente privilegia a arte como intercessora. Nessa escolha de Deleuze está latente a força da arte, e mais, da arte literária, como um original elemento articulador do novo pensamento inaugurado pelo pensamento nietzschiano; e o encontro com a arte, na condição de elemento extra-filosófico que subverte os dogmas estabelecidos pela tradição filosófica, produzirá no pensamento deleuziano possibilidades interpretativas que o farão repensar a propugnada ideia de superioridade da filosofia dentre as “ciências” do espírito. A partir de *Proust e os signos*, o filósofo se aventurará continuamente num movimento de “sair da filosofia pela filosofia”¹⁸, procurando por intercessores na ambição de realizar a comunicação da filosofia com a arte e a ciência, mas sempre com um fito: o de fazer filosofia, pois, assim como ele afirmou que “uma teoria do cinema não é “sobre” o cinema, mas sobre os conceitos que o cinema

¹⁷ DELEUZE, Gilles. *Deux régimes de fous* (Textes et entretiens 1975-1995. Édition préparée par David Lapoujade). Paris: Éditions de Minuit, 2003, p. 282.

¹⁸ “Mas sair da filosofia não quer dizer fazer outra coisa, por isso é preciso sair permanecendo dentro. Não é fazer outra coisa...”. In: *O abcdário de Gilles Deleuze* (letra C). (Transcrição do vídeo da série de entrevistas de 1988-89 feitas por Claire Parnet/ Sobre a noção de intercessores, Cf: DELEUZE, Gilles. *Conversações* (1972-1990). Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008, p. 155-168.

suscita”¹⁹, o mesmo poderá ser aplicado a literatura e a outros domínios cotejados por Deleuze.

O livro sobre a obra de Proust – *Proust e os signos* – dá continuidade e avança nas trilhas da crítica ao pensamento. Mas é nesse livro que Deleuze colige algo maior e que estará permanentemente rondando seus exames sobre as artes. Estamos a falar de certa concepção de arte que se encontra no pensamento nietzschiano e que dialoga com o pensamento deleuziano: a arte como o elemento que assegura a afinidade entre o pensamento e a vida:

O pensador exprime assim a bela afinidade entre pensamento e vida: a vida fazendo do pensamento algo ativo, o pensamento fazendo da vida algo afirmativo. Essa afinidade em geral, em Nietzsche [...] é também como a essência da arte²⁰.

A interligação destas três entidades – vida, pensamento e arte – está essencialmente envolvido nos devires deleuzianos e em sua concepção do funcionamento de uma “nova maneira de pensar”²¹, que é, por qualidade, afirmativa.

III.

Mantendo o pensamento nietzschiano como orientador, Deleuze “lerá” a *Recherche* como uma crítica explícita a própria filosofia.

É com Proust que Deleuze desenvolve uma teoria dos signos (um regime de signos), a qual está amalgamada ao conceito de imagem do pensamento e a todo o pluralismo que envolve sua própria filosofia. Ademais, a uma noção que permeava a imagem do pensamento vislumbrada em *Nietzsche e a filosofia*, a questão da interpretação, Deleuze acrescenta outra perspectiva para pensar a formação do pensamento proustiano, a questão da experimentação. Essa dilatação do campo filosófico deleuziano se deve mesmo à obra proustiana em questão, já que ela tem um narrador-herói como protagonista de uma busca, de uma *pesquisa* pela verdade. Sem atribuir a *Recherche* a insígnia de romance de formação (no sentido da formação de um sujeito), mas tomando o narrador-herói como um aprendiz (um aprendiz do sentido dos signos), pode-se afirmar que, não será através de nenhum método filosófico, mas sim da própria existência, das próprias experiências sofridas pelo narrador-herói, que por força da violência dos signos, “estes objetos da experiência”, e que serão deslindados na

¹⁹ DELEUZE, Gilles. *Cinéma 2 - L'Image-temps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985, p. 365.

²⁰ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1983 (6ª ed.), p. 116.

²¹ DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1983 (6ª ed.), p. 41.

imagem do pensamento, que ele fará de sua caminhada uma aprendizagem, e só ao fim dela (que em realidade não existe, pois a circularidade da obra aponta para um *continuum*), exitará conhecer a verdade.

Fazendo um sobrevôo na obra proustiana, Deleuze, considerará o tempo como o elemento que fundamenta a verdade, já que a busca da verdade pelo narrador-herói da *Recherche* é um aprendizado, e como tal, ele se faz no tempo, logo, “toda a verdade é verdade do tempo”²². Ele afirmará ainda que é na busca pela verdade que a dimensão “filosófica” da obra proustiana se manifesta em *rivalidade* com a filosofia.

Naturalmente que tal ponderação acerca da rivalidade entre literatura e filosofia chama atenção, pois por rivalidade entende-se aproximar-se das qualidades de outro, emulação, então, Deleuze delega a obra proustiana um efetivo alcance filosófico, o qual, ele vai assinalar, desponta na imagem do pensamento do autor da *Recherche*. Entretanto, essa noção de rivalidade sustentada por Deleuze carece ser pensada.

Deleuze afirma que a *Recherche* proustiana é uma busca – palavra que em francês (*recherche*) contempla ainda o sentido de *pesquisa* – pela verdade, a qual está profundamente relacionada ao tempo, mas o filósofo alerta que é preciso compreender “como Proust define sua própria busca [ou *pesquisa*] da verdade, como a contrapõe a outras buscas [ou *pesquisas*], científicas ou filosóficas”²³. Ou seja, Deleuze, logo de início, esclarece o que lhe ficou nítido em sua leitura da obra proustiana: seu viés filosófico, por isso, haveria aí uma rivalidade, mas não de domínios – a arte concorrendo com a filosofia, ou o contrário –, mas sim porque Deleuze percebeu que “Proust constrói uma imagem do pensamento que se opõe à da filosofia, combatendo o que há de mais essencial numa filosofia clássica de tipo racionalista: seus pressupostos”²⁴. Portanto, construindo sua obra literária distante da filosofia, a clássica e constituída por pressupostos, Proust funda outro modo de pensamento na *Recherche*, e é esse procedimento – esse modo de “orientação do pensamento” que se pode considerar *contrário* a filosofia, ou *fora* dela – que Deleuze reconhece e o que o autoriza a ler a busca proustiana inclusive num sentido filosófico, como uma *pesquisa*.

E pesquisando a obra proustiana, Deleuze inicia a Conclusão da primeira parte de *Proust e os signos* com o capítulo nomeado “Imagem do Pensamento” após sopesar

²² DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 93.

²³ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 93.

²⁴ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 93.

longamente acerca da taxonomia dos signos. São os signos, com sua exigência de decodificação, que conferirão uma disciplina diferenciada ao pensamento, por isso, “o elemento da verdade não é mais a interioridade de uma idéia produzida pela inteligência, mas a *exterioridade* de um constrangimento exercido sobre nossas faculdades por um signo”²⁵, dirá Arnaud Bouaniche.

E se, ao cotejar as imagens de pensamento de Nietzsche e Proust nota-se nelas uma semelhança – mormente na ideia que nega a existência de pressupostos, método, e da decantada *naturalidade do pensar* –, por outro lado, uma dessemelhança identifica-se, pois, enquanto há um jogo de forças (ativas e reativas) que se apossam do pensamento em Nietzsche, em Proust há os signos que o ativam, e justamente será o signo que Deleuze extrairá da leitura de Proust como o elemento ativador do pensamento, como uma qualidade provocada pelo encontro fortuito, mas fundamental, que tem como objeto o signo:

O que nos força a pensar é o signo. O signo é objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; ele é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento²⁶.

O signo é o elemento que surge no encontro, essencial e ocasional, trazendo uma sensação; é o signo que nos leva a pensar, e de modo impositivo, violento, e como diz Proust, é “mister tentar interpretar as sensações como *signos* de outras tantas leis e ideias, procurando pensar, isto é, fazendo sair da penumbra o que sentira, convertê-lo em seu equivalente espiritual”²⁷. Portanto, pensar para Proust equivale a traduzir a sensação, decifrar o que ela carrega na penumbra qualificada por um signo. Mas para descobrir a verdade que se encontra oculta no signo, não basta apenas pensar, pois “não que as idéias por nós elaboradas não possam ser logicamente certas, mas não sabemos se são verdadeiras”²⁸, e é aí que se detecta a insuficiência da filosofia perante a interpretação do signo.

Primeiramente, a inteligência pouco pode intervir na decifração de um signo, porque há um elemento que lhe escapa: o imprevisível; não há como a inteligência se

²⁵ BOUANICHE, Arnaud. *Gilles Deleuze – Une introduction*. Paris: Pocket, 2007, p. 69.

²⁶ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 96.

²⁷ PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 1995, p. 158/ Bibliothèque de la Pléiade, Paris, édition J.-Y. Tadié: RTP, IV, p. 457.

²⁸ PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 1995, p. 159/ Bibliothèque de la Pléiade, Paris, édition J.-Y. Tadié: RTP, IV, p. 458.

antecipar a aleatoriedade. Como o signo advém de uma sensação, o encontro com a verdade do narrador-herói proustiano se dará de modo indissolúvelmente associado ao ocasional, pois é por meio da casualidade dos encontros e da pressão das coações (exigência da decifração do signo), que o herói poderá vislumbrar a verdade, pois ela “não é descoberta por afinidade, nem com boa vontade, ela se *trai* por signos involuntários”²⁹. Assim sendo, é somente saindo da convencional estrutura filosófica, que conta, dentre outros pressupostos, com a boa vontade e um método para pensar, que a verdade poderá ser alcançada. Desse modo, fica manifesto que arte e filosofia utilizam-se de instrumentos díspares para efetivar tal conhecimento, e nessa operação que rivaliza arte e filosofia, a perda é da última, por isso, a caminhada do narrador-herói em busca da verdade será nomeada por Deleuze como uma “aventura do involuntário”.

Pensar um signo é necessariamente pensar o estranhamento, o que o sujeito desconhece, é instalar-se na subjetividade inerente aos mundos que acolhem os signos e descobrir suas leis com o fito de traduzir seu sentido. Entretanto, o que dificulta compreender o signo é que o sentido está sempre emaranhado nele, implícito nele, por isso, segundo Deleuze, “a aventura do involuntário se encontra no nível de cada faculdade”³⁰, portanto, faz-se necessário convocar para cada série de signos um exercício diferente das mesmas faculdades – percepção, memória, imaginação, inteligência – para interpretá-lo. Por exemplo, em Proust³¹, contrariando a ciência e a filosofia, que determinam que a inteligência vem sempre antes, na especificidade dos signos, e no caso dos signos mundanos e amorosos, a inteligência deve vir sempre depois, classificando e organizando as sensações sofridas, a fim de compreender as leis concernentes a cada determinado mundo em que o signo surge. É assim que o signo, forçando a pensar, coloca o pensamento em movimento; mas, ao exigir a mobilização de uma faculdade, em Proust tudo se inverte,

Em lugar de uma inteligência voluntária, de uma memória voluntária, de uma imaginação voluntária, todas essas faculdades surgem em sua forma involuntária e transcendente, quando então cada uma descobre aquilo que só ela tem o poder de interpretar, cada uma explica um tipo

²⁹ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 16.

³⁰ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 97.

³¹ “A impressão é para o escritor o mesmo que a experimentação é para o sábio, com a diferença de ser neste anterior e naquele posterior o trabalho da inteligência”, In: PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 1995, p. 159/ Bibliothèque de la Pléiade, Paris, édition J.-Y. Tadié: RTP, IV, p. 459.

de signo que especificamente a violenta O exercício involuntário é o limite transcendente ou a vocação de cada faculdade.³²

Em meio ao mundo dos signos encontram-se os signos da arte. Estes não são signos materiais como os demais – que surgem parcialmente obscurecidos no objeto que os suporta –, os signos da arte, como que “*desmaterializados*, encontram seu sentido numa essência ideal [...] no nível mais profundo, o essencial está nos signos da arte”³³, porque a matéria se espiritualiza na obra de arte e reflete a qualidade de um mundo original; ela torna possível o ingresso a outros domínios, a aventura do inconsciente, do involuntário, e provocando a transmutação da matéria ela cria um mundo da essência, e o “o mundo da essência é sempre um começo do Mundo em geral, um começo do universo, um começo radical absoluto”³⁴. Eis a superioridade dos signos artísticos, os quais são criação, assim,

A filosofia, com todo o seu método e a sua boa vontade, nada significa diante das pressões secretas da obra de arte. A criação, como gênese do ato de pensar, sempre surgirá dos signos. A obra de arte não só nasce dos signos como os faz nascer; o criador é como o ciumento, divino intérprete que vigia os signos pelos quais a verdade *se trai*³⁵.

Portanto, partindo da ideia de gênese do ato de pensar, Deleuze dará um salto na aventura do pensamento e dirá que “o ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese de pensar no próprio pensamento”³⁶.

Pode-se então, a partir dessa colocação de Deleuze, cotejar-se o pensamento proustiano. Proust, dotado de grande inventividade, cria sua obra de arte a partir de um pensamento que inverte os cânones estabelecidos pela filosofia seguindo suas próprias regras estéticas, e fundando um pensamento individualizado, o qual é harmônico ao seu próprio estilo literário, com sua poética. E conforme Deleuze, ele cria, além de uma obra de arte, com seus conteúdos e sintaxes, um modo de pensamento, uma linguagem

³² DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 98.

³³ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 14.

³⁴ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 44-45.

³⁵ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 16

³⁶ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 96.

de pensamento. Tal argumento pode ser verificado na ponderação feita por Deleuze no tocante a construção da *Recherche*, a qual é erigida a partir de oposições:

À observação Proust opõe a sensibilidade; à filosofia, o pensamento; à reflexão, a tradução ao uso lógico ou conjunto de todas as nossas faculdades, que a inteligência precede e faz convergir na ficção de uma “alma total”, um uso dislógico e disjunto que mostra que nunca dispomos de todas as faculdades ao mesmo tempo e que a inteligência vem sempre depois.³⁷

Assim, a imagem do pensamento de Proust se deslinda como, talvez até mais radical que a de Nietzsche, pois sua ousadia de escritor, de artista, ultrapassou as fronteiras da linguagem escrita (o suporte de sua arte) e instalou-se no próprio âmbito do pensamento, questionando seu funcionamento e sua eficaz aplicação frente ao imponderável. Ademais, se há outra rivalidade a ser apontada em Proust no domínio do pensamento, esta pode ser destacada no tocante a sua “crença” na impressão, na *verdade da impressão* advinda do pensamento de John Ruskin, pois para ele:

Só a impressão, por mais fina que lhe pareça a matéria e inverossímeis as pegadas, é um critério de verdade e como tal deve ser exclusivamente apreendida pelo espírito, sendo, se ele lhe souber extrair a verdade, a única apta a conduzi-lo à perfeição e enchê-lo da mais pura alegria³⁸.

O elemento *impressão* é vital para o pensamento proustiano, pois, além da impressão determinar o “vir depois” imposto pela arte à inteligência, ela participa do acaso através da faculdade da percepção, a qual, nas artes, acena para a dialética que envolve o objeto artístico. Deleuze, porém, não considerou a impressão em sua interpretação como um elemento nem estético e nem filosófico em seu exame da imagem do pensamento proustiano. O filósofo delegou a essa noção – e a examinou, *en passant*, somente na segunda versão de *Proust e os signos* – apenas uma função participativa no pensamento de Proust: “mesmo o pensar deve ser produzido no pensamento. Toda produção parte da *impressão*, porque apenas ela reúne em si o acaso do encontro e a necessidade do efeito, violência que ela nos faz sofrer”³⁹. A impressão (assim como a memória), efetivamente não acolhe o sentido, a verdade do signo, ela apenas se confunde na interpretação dele com o “equivalente espiritual”, mas sob um

³⁷ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 104.

³⁸ PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Globo, 1995, p. 159/ Bibliothèque de la Pléiade, Paris, édition J.-Y. Tadié: RTP, IV, p. 458.

³⁹ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antonio Carlos Piquet; Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987, p. 146-147 (itálico nosso).

viés tendenciosamente estético, tal conceito, todavia, poderia gozar de maior atenção, principalmente no tocante a recepção estética.

Considerações finais

Rematando nosso breve exame, uma bela passagem em *Diferença e repetição* se destaca pela proximidade entre a imagem do pensamento proustiano e o ensejo filosófico de Deleuze. Tal excerto consta no longo capítulo “Imagem do pensamento”, dedicado a examinar a imagem do pensamento como um empirismo transcendente, e o que ecoa dessa passagem – que é puro querer deleuziano por uma filosofia viva e criadora ajustada à criação artística – é Proust com sua imagem de pensamento poética, original, que tanto mobilizou a filosofia de Deleuze. E é com essa junção de pensadores que concluímos:

Na verdade, os conceitos designam tão-somente possibilidades. Falta-lhes uma garra, que seria a da necessidade absoluta, isto é, de uma violência original feita ao pensamento, de uma estranheza, de uma inimizade, a única a tirá-lo de seu estupor natural ou de sua eterna possibilidade: tanto quanto só há pensamento involuntário, suscitado, coagido no pensamento, com mais forte razão é absolutamente necessário que ele nasça, por arrombamento, do fortuito no mundo. O que é primeiro no pensamento é o arrombamento, a violência, é o inimigo, e nada supõe a filosofia; tudo parte de uma misosofia. Não contemos com o pensamento para fundar a necessidade relativa do que ele pensa; contemos, ao contrário, com a contingência de um encontro com aquilo que força a pensar, a fim de elevar e instalar a necessidade absoluta de um ato de pensar, de uma paixão de pensar⁴⁰.

Referências

- BOUANICHE, Arnaud. *Gilles Deleuze – Une introduction*. Paris: Pocket, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *O abcdário de Gilles Deleuze*. Transcrição do vídeo da série de entrevistas de 1988-89 feitas por Claire Parnet.
- _____. *Cinéma 2 - L'Image-temps*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.
- _____. *Conversações (1972-1990)*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- _____. *Deux régimes de fous (Textes et entretiens 1975-1995. Édition préparée par David Lapoujade)*. Paris: Éditions de Minuit, 2003.
- _____. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009.
- _____. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: PUF, 1983 (6ª ed.).
- _____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

⁴⁰ DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 2009, p. 202-203.

- _____. *Qu'est-ce que l'acte de création?* Conferência pronunciada em 17/5/1987 para os alunos da *fondation Femis*. Disponível em: <www.webdeleuze.com>.
- _____. Sobre Nietzsche e a imagem do pensamento In: *A ilha deserta*. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 175-183.
- _____.; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997. V. 5
- _____.; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2007.
- _____.; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. São Paulo: Editora Globo, 1995/
Bibliothèque de la Pléiade, édition J.-Y. Tadié (IV), Paris, 1989.
- _____.; *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard/Bibliothèque de la Pléiade, 1971.

Artigo recebido em: 01/10/11

Aceito em: 13/12/11